

FRANCISCO JOSÉ VIEGAS

O MAR EM CASABLANCA

*Onde se escondem as pessoas
que não querem ser vistas?*

1

DEBRUÇADO SOBRE O VAZIO, O HOMEM PASSARIA POR UMA ESTÁTUA numa noite de chuva. Noites destas eram vulgares quando vinham as primeiras neblinas de Novembro – e as manchas de nevoeiro passavam pelos feixes de luz amarelada dos candeeiros da ponte. Nuvens baixas, podia ser. Nuvens que tinham descido até à cidade e a deixavam molhada. Primeiro, pegajosa, manchada de poeira. Depois, com o tempo, apenas molhada, escorregadia, obrigando o trânsito a circular com lentidão, as portas dos cafés a fecharem-se. Não havia ainda o frio do Inverno, rigoroso, silencioso – ao longe, o rumor nas ruas, despedindo-se do dia. Folhas de árvores arrastadas pelo vento, juntamente com lixo e jornais abandonados nos parques.

Daquele lugar via-se o mar, mesmo em frente. Uma ondulação baixa, permanente. A crista das ondas, muito branca, fria, riscando o corpo negro das águas. Havia uma estrada, ao fundo e à esquerda, que contornava as rochas e se dirigia para os antigos bairros de pescadores depois comprados a preço baixo por gente que queria viver diante do mar e transformou a curva do rio em zona de luxo, um planisfério de novas burguesias – mas apenas um luxo intermédio, assaltado por noites de tempestade quando o mar subia pelas rochas e chegava à estrada; um luxo que já não era romântico, como o fora há dez ou vinte anos, antes de haver promotores imobiliários falidos e de a cidade se separar, de novo, dos

subúrbios – mas a estrada estava lá, menos solitária, menos suja. E estava também o pequeno ancoradouro, debaixo da curva que escondia os rochedos, o último ponto em que o rio era rio e passara a ser engolido pela água salgada do oceano, escura e opaca.

E havia a outra estrada, também iluminada de laranja, seguindo pela margem direita do rio por entre retratos do que a cidade fora no princípio do século passado: muros de cimento erguidos contra as cheias e a maresia, contra a neblina e a curiosidade, decorados com palmeiras e tílias, jacarandás que mal floriam, palmeiras que foram atracção dos viajantes de eléctrico, pequenas ruas que subiam para uma ermida solitária onde um parque abrigava carros que estacionavam a meio da noite ou ao entardecer. Restaurantes de paredes envidraçadas tinham-se multiplicado ao longo da margem do rio para lhe dar um ar mais cosmopolita, pequenos parques nasceram para albergar gente que passeia aos domingos de manhã, ciclistas da madrugada, homens solitários que correm a horas insuspeitas, suados, sacrificados, felizes.

E, no meio, pelo meio, o monstro negro das águas do rio. Não bem o monstro, afinal: só aquele corpo negro que estava para lá do nevoeiro, sobre o qual dançavam aves nocturnas (com alguma concentração podiam ouvir-se, sim) e que se preparava para o confronto com o mar. Por isso, a figura do homem debruçado sobre o vazio parecia a de uma estátua, uma dessas que se instalam por dois ou três meses num ponto de passagem de trânsito, arte móvel, como se dizia. Havia várias, espalhadas pela cidade. Mas nenhuma como aquela, vestida, o cabelo despenteado de um homem de meia-idade, a gola de um blusão puxada para cima, uma estátua viva, imóvel mas viva diante do corpo negro e profundo do rio que corria lá em baixo. Depois, tudo aconteceu como numa sequência preparada com rigor e antecedência: visto da estrada, debruçado sobre o rio, o homem parecia abandonado à ventania sob a luz alaranjada dos candeeiros da ponte. E gotas de chuva miúda, afinal. Poeira de água, desfazendo-se, dançando no ar frio da noite. Um carro parou a meio da ponte, a vinte metros. Atrás dele parou outro, com os pequenos faróis piscando,

intermitentes. Do primeiro deles saiu um homem que fechou cuidadosamente a porta antes de subir para o pequeno passeio que quase nunca era utilizado, como se calculasse o tempo que lhe levaria a percorrer os vinte metros que o separavam do outro, o que parecia uma estátua. Começou a caminhar, as mãos ao longo do corpo, pendendo, uma gabardina escura levantada pelo vento. Vinte passos, trinta passos – a dois metros, o homem estacou, encostou-se ao varandim da ponte, meteu a mão esquerda no bolso das calças, usou a direita para passar pelo cabelo despen-teado. Dois passos mais.

«Andava à sua procura», disse ele, dando o passo derradeiro que colocaria o outro ao alcance do seu braço – mesmo que não o estendesse. «Está uma noite boa para vir passear, eu entendo. Está aqui à espera do Inverno?»

Um pequeno passo mais e ficaram lado a lado, os dois olhando em frente, ligeiramente para baixo, enfrentando o vazio escuro que os separava do rio, o corpo negro do rio. Encostou-se ao varandim e recomeçou a falar:

«Ali à direita. Veja bem. Eu jogava à bola ali, há trinta e tal anos. O Campo do Grou, lá em cima, rodeado de árvores. Descíamos até ao cais, a correr. O meu pai passava o fim da tarde numa daquelas tabernas que de tempos a tempos eram engolidas pelas cheias do rio, à volta do Cais das Pedras. Fazíamos o que faziam todos os rapazes: íamos até ao Passeio Alegre dependurados nos eléctricos, atirávamos pedras contra as janelas da Alfândega, aprendíamos a fazer cavalinhos de bicicleta ali ao lado do Maré-grafo. Está tudo mudado. Acho bem, sabe? Estava tudo podre, tudo sujo, tudo a precisar de conserto, de mudança. Mesmo assim, quando passo por lá, vinte anos depois, ainda sinto o cheiro de sardinhas fritas nas tabernas da Cantareira. Iscas de bacalhau. Estou a falar-lhe de comida porque sei que é um assunto que lhe interessa. Estou a fazer um esforço, demorei muito a encontrá-lo. Estou nisto há quatro ou cinco horas e gostava de me ir embora, mas também tenho de levá-lo comigo. Prometi.»

Pela primeira vez olhou bem para o rosto do outro, que se mantinha silencioso, olhando sempre para o mesmo ponto da escuridão. Notou-lhe um estremecimento. Não no rosto; nos ombros. Uma espécie de arrepio. Há quanto tempo o conhecia? Vinte anos? Talvez menos.

«Quer fumar? Trouxe-lhe um charuto. E fósforos. Está bem, ficamos os dois aqui pendurados sobre o rio, calados, à espera que seja dia. Gostava de me ir embora, mas tenho tempo.»

Ficaram ali. Nenhum dos dois falou durante um bom bocado. Observavam as luzes dos barcos, entre a chuva miúda e o nevoeiro que se adensara sobre o rio. Os faróis dos carros que seguiam para a Foz. A ondulação branca do mar naquele ponto em que o rio deixa de ser rio. Os rochedos. A língua de areia que se estende até ao molhe, e onde os barcos dos pescadores tinham sido recolhidos. Depois, quando ele se preparava para relembrar, já com voz mais impaciente, que tinham de ir embora – o outro antecipou-se, perguntando sem desviar os olhos:

«Que charuto é esse?»

«Montecristo, Edmundo. Fui comprá-lo antes de vir para aqui.» E depois: «Estava com saudades da sua voz, chefe. E diga-me, o que está a fazer aqui? Nenhuma asneira, espero.»

O outro mexeu-se, finalmente. Apoiou-se no corrimão da ponte e olhou-o de frente como se confirmasse que já não estava sozinho:

«Vim aqui parar, Isaltino. Vim aqui parar e por alguma razão deve ter sido.»

«Distraiu-se, andou por aí.»

«Levas-me para onde?»

«Para casa, chefe.»

«Vim aqui parar sem saber como, e não sabia sair.»

«Está a chover, vamos embora.»

Tomou-lhe o braço e puxou-o. Começaram a andar pela ponte fora, na direcção do carro, um protegendo o outro, o mais novo protegendo o mais velho, amparando-o pelo meio da chuva. O outro carro continuava parado, lá atrás, as luzes intermitentes.

Depois, o mais novo deles abriu a porta e o mais velho entrou no carro, o blusão molhado, os sapatos molhados, o cabelo molhado.

«Há quantos meses é que eu estava aqui, Isaltino?», perguntou o homem, já sentado, olhando para o céu através do vidro do carro.

«Umás horas, acho eu.»

«Pareceu-me muito tempo. Tudo isto dura há muito tempo», disse ele, aceitando o charuto que Isaltino lhe estendia.